



UNIVERSIDADE DO ALGARVE
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS



***CONTRIBUTO PARA AFERIÇÃO E VALIDAÇÃO DA ESCALA DE
PERSONALIDADE CRIATIVA:
AVALIAÇÃO DA CRIATIVIDADE NA DEFICIÊNCIA MENTAL***

Dissertação para a obtenção do grau de Mestre no ramo de Psicologia,
especialidade de Psicologia da Educação

Neuza Carina Gonçalves de Matos

Orientador: Doutor Saul Neves de Jesus

FARO

2011

UNIVERSIDADE DO ALGARVE
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

***CONTRIBUTO PARA AFERIÇÃO E VALIDAÇÃO DA ESCALA DE
PERSONALIDADE CRIATIVA:
AVALIAÇÃO DA CRIATIVIDADE NA DEFICIÊNCIA MENTAL***

Dissertação para a obtenção do grau de Mestre no ramo de Psicologia,
especialidade de Psicologia da Educação

Neuza Carina Gonçalves de Matos

Orientador: Doutor Saul Neves de Jesus

FARO

2011

“A criatividade é o poder de conectar o aparentemente desconectado”.

(William Plomer)

*A todos os que sempre acreditaram em mim, e a
todos aqueles que ao não acreditarem me
fizeram querer seguir em frente.*

Agradecimentos

A todos aqueles que me acompanharam e apoiaram nesta minha longa caminhada, agradeço a dedicação e disponibilidade.

Ao Professor Doutor Saul Neves de Jesus, meu orientador de dissertação, pela orientação, apoio e compreensão recebidos. Pela sua disponibilidade constante, pelos conhecimentos e incentivo imprescindíveis para a conclusão deste trabalho.

A todos os colaboradores da Cercisiago que, de alguma forma, tornaram possível esta investigação na Formação Profissional da instituição. Em especial ao Dr. Luís Passão por todo o apoio recebido e pela confiança demonstrada. À Dr.^a Alexandra Leitão, à Dr.^a Graça Madeira e à Dr.^a Margarida Baltasar pela disponibilidade.

Ao Multidesportivo do Sporting Clube de Portugal, Departamento de Natação, por disponibilizarem, tão prontamente, as suas instalações para a aplicação dos questionários e facilitarem o contacto com os seus utentes. Em especial à Dr.^a Susana e ao Dr. Miguel que facilitaram todo este processo e demonstraram interesse nesta investigação.

Aos pais dos jovens a quem foi aplicada a escala, pela sua simpatia, disponibilidade e pelo apoio a esta investigação no âmbito da Deficiência Mental. Pela compreensão da importância deste trabalho e por demonstrarem interesse científico sobre a mesma.

Com direito a um agradecimento muito especial, um imenso obrigado a todos os jovens que disponibilizaram o seu tempo para responder à escala, por toda a simpatia, disponibilidade total e, principalmente, por demonstrarem que todos somos especiais e capazes de superar as maiores dificuldades.

É na família e nos amigos que procuramos o conforto sempre que precisamos. Por isso mesmo não devem ser esquecidos, e a todos um muito obrigado.

Aos meus pais, por todo o apoio ao longo de todos estes anos. Em especial à minha mãe pelos sacrifícios, pela compreensão, apoio e colo caloroso sempre que me senti mais desmotivada, és o meu exemplo!

Aos meus avós, em especial aos que já partiram mas que sempre acreditaram em mim.

Ao meu afilhado, que sempre me motivou para seguir em frente. Obrigada pela compreensão, apoio, amor e carinho!

Às minhas primas, e tios que sempre me apoiaram e nunca me deixaram desistir nos momentos de fraqueza.

Ao meu padrinho por sempre ter acreditado no meu sucesso, pelo apoio, por todo o carinho e por me mostrar que devemos sempre olhar em frente.

Aos meus amigos, Rubina e Adolfo, que me apoiaram ao longo deste percurso académico, quando estava longe da família e as saudades apertavam ou simplesmente quando precisava de um sorriso, companhia ou de umas grandes gargalhadas.

À Vanessa, amiga de todas as horas, que esteve comigo nos momentos bons mas que também me apoiou nas horas mais difíceis, não me deixando desistir. Obrigada por me manteres mentalmente sã!

Ao Jorge e à Elisabete, aqueles que percebem de facto o significado de companheirismo, amizade e entreaajuda e que perceberam realmente o que este trabalho significou.

A todos vós obrigada pelo apoio neste percurso!

Título da Tese: Contributo para Aferição e Validação da Escala de Personalidade Criativa: Avaliação da Criatividade na Deficiência Mental

Resumo:

Neste trabalho procuramos contribuir para a aferição e validação da Escala de Personalidade Criativa, recorrendo à população com Deficiência Mental. Pretende-se também avaliar a criatividade desta população em particular. Foram inquiridos 45 adultos do Litoral Alentejano e de Lisboa.

Para a avaliação das variáveis em estudo utilizámos a Escala de Personalidade Criativa (EPC) (Jesus, Morais, Pocinho, Imaginário, Duarte, Matos, Garcês, Gil & Sousa, 2011).

Os resultados obtidos permitiram encontrar um Alfa de Cronbach de 0.951, o que indica uma boa consistência interna da EPC. Os resultados permitiram encontrar também uma boa correlação item-total entre todos os itens da escala demonstrando que esta se encontra bem construída. Verificou-se, ainda, que os sujeitos com Deficiência Mental possuem também capacidades criativas ao contrário do que se poderia pensar inicialmente.

Palavras-chave: Escala de Personalidade Criativa (EPC), Criatividade, Deficiência Mental.

Title: Contribution to the Creative Personality Scale Gauging and Validation: Creativity Evaluation in Mental Retardation

Abstract:

In the present study it was our aim to contribute to the Creative Personality Scale gauging and validation, using for that the population with Mental Retardation. It is also our aim to evaluate the creativity of this population in particular. Forty-four adults from Alentejo Coast and Lisbon were inquired.

To assess the relevant variables, we use the Creative Personality Scale (EPC) (Jesus, Morais, Pocinho, Imaginário, Duarte, Matos, Garcês, Gil & Sousa, 2011).

The results showed a Cronbach's Alpha of 0.951, which indicates a good internal consistency of EPC. Results also suggested a good item-total correlation between all of the items from the scale showing that this one is well built. It was verified as well creative capacities in the population with mental retardation, contrary to what one might think initially.

Keywords: Creative Personality Scale (EPC), Creativity, Mental Retardation.

Titre: Contribution à L'Analyse Comparative et la Validation de L'Échelle de la Personnalité Créative : Évaluation de la Créativité dans la Déficience Mentale

Résumé:

Dans ce travail, nous cherchons à contribuer à l'étalonnage et la validation de L'Échelle de la Personnalité Créative, à l'aide de la population handicapée mentale. Il est également d'évaluer la créativité de cette population en particulier. Quarante-cinq répondants étaient adultes de Lisbonne et de côte d'Alentejo.

Pour l'évaluation des variables pertinentes, nous avons utilisé L'Échelle de la Personnalité Créative (EPC) (Jesus, Morais, Pocinho, Imaginário, Duarte, Matos, Garcês, Gil & Sousa, 2011).

Les résultats obtenus a permis de trouver un alpha de Cronbach de 0.951, ce qui indique une bonne cohérence interne de la EPC. Les résultats ont permis trouver aussi une bonne corrélation *item-total* à travers tous les éléments de l'échelle montrant que cela est bien construit. Il a été constaté que les sujets atteints d'une déficience mentale ont également des capacités créatives, contrairement à ce que l'on pourrait penser au départ.

Mots-clés: Échelle de la Personnalité Créative (EPC), Créativité, La Déficience Mentale.

Índice

Introdução	1
Enquadramento Teórico	5
Perspectiva Histórica sobre a Criatividade	5
Definição de Criatividade	5
Modelos da Criatividade	7
Teoria do Investimento em Criatividade – Sternberg	7
Modelo Componencial de Criatividade de Amabile	7
Perspectiva de Sistemas de Csikszentmihalyi	8
Factores que influenciam a Criatividade	8
Características associadas à Criatividade	9
Instrumentos de avaliação da Criatividade	10
Perspectiva Histórica sobre a Deficiência Mental	13
Evolução das Atitudes face à Deficiência	13
Definição e Classificação	14
Incidência e Frequência	15
Factores de Risco	16
Características Evolutivas da Pessoa Portadora de DM	17
Características Específicas da Pessoa Portadora de DM	17
Criatividade na Deficiência Mental?	19
Estudo Empírico	22
Objectivos	22
Amostra	23
Técnicas de Amostragem	23
Caracterização Geral da Amostra	23
Escala de Personalidade Criativa (EPC)	25
Metodologia utilizada na construção da EPC	25
Resultados obtidos	25
Versão Inicial da EPC	26
Procedimento	27
Procedimentos de recolha de dados na Cercisiago	27
Procedimentos de recolha de dados no Sporting Clube de Portugal	27
Procedimentos de recolha de dados em Santo André e Sines	28
Apresentação e Discussão de Resultados	30

Análise da Consistência Interna	30
Análise Descritiva da Escala	32
Reflexões e Considerações Finais	34
Limitações e Implicações	37
Referências Bibliográficas	39
Anexos	44

Índice de Anexos

Anexo I – Escala da Personalidade Criativa	44
Anexo II – Quadro de Correlação Inter-Item	45
Anexo III – Quadro de Estatística Item-total	50
Anexo IV – Quadro das Estatísticas dos Itens	51
Anexo V – Análise da influência da variável estatuto socioeconómico sobre os resultados obtidos na Escala EPC	52
Anexo VI – Análise da influência da variável género sobre os resultados obtidos na Escala EPC	53
Anexo VII – Análise da influência da variável idade sobre os resultados obtidos na Escala EPC	54

Índice de Tabelas

Tabela 1. Traços de Personalidade das pessoas criativas	10
Tabela 2. Estatística das idades da amostra	24
Tabela 3. Número de itens de cada estilo na escala de Wechsler e na EPC	26
Tabela 4. Estatísticas de Confiança	30
Tabela 5. Estatística da Escala	32

INTRODUÇÃO

Ao longo dos anos, a *criatividade* tem vindo a demonstrar a sua importância, razão pela qual o seu estudo e avaliação tem vindo a ganhar maior impulso nos últimos tempos.

De acordo com Taylor (1976, *cit. in* Nakano & Wechsler, 2006), existem mais de cem definições do conceito de criatividade o que demonstra facilmente a sua grande complexidade.

Contudo, na Conferência Internacional de Buffalo, em 1990, é apresentada uma definição consensual e abrangente do conceito de criatividade. Assim, a criatividade é entendida como sendo o “*resultado da interação entre processos cognitivos, características da personalidade, variáveis ambientais e elementos inconscientes*” (Wechsler, 1998, *cit. in* Nakano & Wechsler, 2006).

Por outro lado, as investigações levadas a cabo têm demonstrado que a criatividade, para além de um complexo conceito é também multidimensional (Pocinho & Garcês, 2010). Este facto tem dificultado a tarefa dos investigadores no que diz respeito à sua avaliação uma vez que os instrumentos utilizados parecem não conseguir avaliar todos os aspectos inerentes a este conceito tão complexo (a criatividade) (Roazzi e Souza, 1997).

Assim, a nível internacional a investigadora que mais se destaca e que aparece referenciada em vários estudos, é Solange Wechsler. Esta investigadora criou a “Escala dos Estilos de Pensar e Criar”, constituída por 100 itens (Wechsler, 2006).

Contudo, a nível nacional, apesar dos vários esforços, não foi possível criar ainda uma escala que satisfaça todos os critérios inerentes à avaliação da criatividade.

Assim, procedeu-se a uma adaptação da escala de Wechsler, com o objectivo de avaliar a Personalidade Criativa dos sujeitos, dando origem à Escala da Personalidade Criativa constituída por 30 itens em Escala de tipo *Likert* (Jesus, Morais, Pocinho, Imaginário, Duarte, Matos, Garcês, Gil & Sousa, 2011).

É neste sentido que surge a necessidade de aplicar esta escala à população portuguesa de modo a que seja possível validar esta escala para futuras investigações.

Uma vez que se pretende uma amostra representativa da população portuguesa, é importante considerar a participação de vários “tipos” de indivíduos portugueses, o que inclui a participação de indivíduos com deficiência. Isto porque, segundo a Organização Mundial de Saúde, cerca de 10% da população dos vários países em desenvolvimento apresentam algum tipo de deficiência. Por sua vez, destes 10%, metade (5%) são portadores de Deficiência Mental, o que demonstram ser números bastante representativos.

Embora sejam poucos os estudos em que se refere a presença da criatividade em sujeitos com deficiência, sobretudo Deficiência Mental, alguns autores defendem a

ideia de que apesar da deficiência mental, a criatividade está sempre presente, como em qualquer outro indivíduo. Explicam ainda que, apenas se torna difícil perceber a presença da criatividade nestes indivíduos devido à ênfase que é dada à sua deficiência e às incapacidades que acarreta (Vigotski, 1995).

Contudo, e tal como será referido nesta investigação, vários são os autores que defendem que a criatividade está sempre presente, embora seja necessário que seja desenvolvida e trabalhada.

Uma vez que esta população em particular sempre despertou um grande interesse na investigadora, quando confrontada com a possibilidade de contribuir para a aferição da Escala de Personalidade Criativa (EPC), a investigadora definiu que seria este o seu contributo – recolher e analisar dados recolhidos junto da população adulta com Deficiência Mental Ligeira e Moderada. Assim, esta investigação será um contributo para a aferição da EPC, recorrendo à população com Deficiência Mental.

Considerando os aspectos teóricos acima referidos e os objectivos deste estudo, a primeira parte da dissertação será dedicada ao enquadramento teórico do tema. Isto é, à criatividade, à Deficiência Mental e à criatividade na Deficiência Mental.

Assim, será apresentado um enquadramento teórico sobre a criatividade – conceito, modelos, factores que a influenciam, características associadas à criatividade, instrumentos de avaliação. De seguida será apresentada a perspectiva histórica sobre a Deficiência Mental, sendo que para isso, se irá falar um pouco sobre a evolução de atitudes face à Deficiência, a definição do conceito, incidência e frequência, factores de risco e as características associadas a esta patologia. Finalmente, será feita uma breve caracterização dos poucos estudos que referenciam a criatividade ligada à Deficiência Mental.

A segunda parte será dedicada ao estudo empírico, onde serão apresentados os objectivos desta investigação, se fará uma caracterização da amostra, e da escala utilizada, bem como dos procedimentos utilizados durante a recolha dos dados.

Posto isto, torna-se então importante e imprescindível, avançar para o tratamento dos dados bem como para a sua discussão, que constituirá as duas partes seguintes desta investigação.

Esta investigação terminará com a apresentação de algumas reflexões acerca do tema e também com a apresentação das limitações/implicações da mesma, deixando ainda algumas sugestões que poderão ser seguidas em futuras investigações.

ENQUADRAMENTO TEÓRICO

I. Perspectiva Histórica sobre a Criatividade

O conceito de criatividade é bastante complexo e a literatura existente sobre o tema aponta também para uma grande dificuldade em encontrar uma definição que englobe todos os aspectos inerentes a este campo de pesquisa. Actualmente, verifica-se a existência de mais de uma centena de definições deste conceito (Meusburger, Funke & Wunder, 2009).

Assim, verifica-se a necessidade de explicar melhor este conceito tão complexo e tentar percebê-lo melhor.

1.1. Definição de Criatividade

Podemos então iniciar esta pesquisa do termo *criatividade* pela análise do seu sentido etimológico.

Verifica-se então que o termo “criatividade” advém da palavra “criação” e do verbo “criar”. Este verbo significa “*«capacidade de dar existência a alguma coisa, de tirar alguma coisa do nada (“do não existente”), de estabelecer relações até aí não concebidas no meio, de inventar, de descobrir algo novo, de «inovar»»*” (Fonseca, 2007, p.20).

Para autores como Davidoff (1983) e Pestana e Páscoa (2002), a criatividade, em termos globais, pode ser entendida como a capacidade do indivíduo para encontrar soluções novas, invulgares mas adequadas para um problema ou situação nova.

Também Aguilar (2006) defende a ideia de que a criatividade é a capacidade e o modo como o indivíduo encara o imprevisto e lida com o mesmo. Para isso, o indivíduo deverá recorrer a todas as suas capacidades (isto é, capacidades intelectuais, espirituais, emocionais, imaginativas, corporais e muitas outras) de modo a resolver a situação de forma cada vez mais eficaz.

É de salientar que, de acordo com alguns autores (e.g., Alencar & Fleith, 2003; Caroff & Besancon, 2008) a criatividade é um potencial inerente ao ser humano, razão pela qual se torna necessária a estimulação da mesma. Quando trabalhada e desenvolvida, a criatividade contribuirá para a construção e crescimento do indivíduo e do ambiente que o rodeia (Alencar & Fleith, 2003; Caroff & Besancon, 2008).

Carreras, Eijo, Estany, Gómez, Guich, Ojeda, Planas e Derrats (2002), defendem igualmente a ideia de que a criatividade é um potencial que todo o ser humano possui e que portanto deverá ser valorizado mas também estimulado de modo a descobri-lo e potenciá-lo.

Segundo Pinheiro (2009), a criatividade pode ser descrita simultaneamente como um atributo e como um processo que se encontra presente e se desenvolve ao nível do indivíduo e da sociedade. Assim, apesar de ser considerada inata, a criatividade encontra-se interligada a factores pessoais, sócio-económicos, culturais, e educacionais (Eysenck, 1996/1997, *cit. in* Pinheiro, 2009).

Contudo, de acordo com outros autores (e.g., Zanella, Ros, Reis & França, 2003, *cit. in* Duarte, Imaginário & Jesus, 2010), a afirmação anterior não é totalmente verdadeira. Para estes autores, a criatividade não pode ser definida como um dom ou um atributo inerente ao ser humano uma vez que a capacidade de criar algo surge da aprendizagem ao longo da vida do indivíduo.

Tendo em conta que a criatividade é um conceito extremamente complexo, podemos referir que o seu estudo apresenta dois principais desafios, ou seja, estabelecer uma definição precisa do conceito de criatividade que satisfaça todos os critérios considerados importantes. O segundo grande desafio diz respeito à criação de instrumentos através dos quais seja possível conseguir uma medida fidedigna e útil (Roazzi e Souza, 1997).

Assim, quando se investiga um conceito tão complexo como a criatividade, há que ter em consideração aqueles que foram os pioneiros de investigação neste campo.

Deste modo, torna-se importante referir que o conceito de criatividade ganhou maior reconhecimento na área da Psicologia após o artigo “creativity” do psicólogo americano J. P. Guilford (1950, *cit. in* Pestana & Páscoa, 2002). Guilford desenvolveu a sua pesquisa no âmbito dos processos de pensamento, razão pela qual se destacou pelos trabalhos quer de identificação quer de avaliação das capacidades criativas dos indivíduos (Davidoff, 1983; Martins, 2000; Pestana & Páscoa, 2002).

Porém, Guilford defendia que a criatividade era parte da inteligência, sendo Torrance quem propôs que o conceito se tornasse autónomo. Foi também este autor que desenvolveu o “*Torrance Tests of Creative Thinking*” que até ao momento, tem sido o teste mais utilizado na avaliação da criatividade (Pestana & Páscoa, 2002; Pinheiro, 2009).

Já em 1995, e embora se verifique uma grande dificuldade em encontrar uma definição que agrade a todos e que englobe todos os aspectos considerados importantes, E. Paul Torrance (*cit. in* Jeffries, 2007) elabora uma questão importante: “O que é a criatividade?”. É neste sentido que, Mayer (1999, *cit. in* Jeffries, 2007) e Amabile (1983, *cit. in* Goncalo & Staw, 2006), referem que o consenso na definição é de que a criatividade é a capacidade que permite produzir trabalho que tem a qualidade de ser ao mesmo tempo original e útil.

1.2. Modelos da Criatividade

Apesar de a criatividade ser um conceito difícil de definir, surgem referenciados na literatura 3 modelos da criatividade elaborados com base no pressuposto de que é importante considerar quer as variáveis internas quer as variáveis externas.

1.2.1. Teoria do Investimento em Criatividade – Sternberg

Na formulação inicial da sua teoria Sternberg (1988), restringiu-se a alguns dos atributos internos dos indivíduos, que contribuem para o funcionamento criativo. No entanto, referiu que considerava que um modelo completo deveria incluir quer o ambiente quer as variáveis pessoais que facilitam ou impedem a manifestação da criatividade (Alencar & Fleith, 2003).

Nos anos que se seguiram Sternberg e Lubart ampliaram o modelo inicial defendendo que a criatividade surge como resultado da interação de seis factores que seriam necessários para a expressão criativa: inteligência, conhecimento, estilos intelectuais, motivação, contexto ambiental e personalidade (Alencar & Fleith, 2003).

1.2.2. Modelo Componencial de Criatividade de Amabile

De acordo com Amabile (1996, *cit. in* Alencar & Fleith, 2003, p.4), “*um produto ou resposta será julgado como criativo na medida em que (a) é novo e apropriado, útil, correcto ou de valor para a tarefa em questão e, (b) a tarefa é heurística e não algorítmica*”.

Na definição de criatividade, Amabile salienta aspectos como a originalidade, adequação da resposta e a tarefa proposta deverá possibilitar várias possibilidades para a solução do problema (Alencar & Fleith, 2003).

Este modelo tem como objectivo explicar como pode o processo criativo ser influenciado por factores cognitivos, motivacionais, sociais e de personalidade. O modelo baseia-se em três componentes considerados necessários para o trabalho criativo: habilidades de domínio, processos criativos relevantes e motivação intrínseca. Para Amabile estes três factores têm de estar em interação para que surja a criatividade (Alencar & Fleith, 2003).

O primeiro factor, habilidades de domínio, incluem factores como o talento, o conhecimento, a experiência e as habilidades técnicas na área. Isto é, as habilidades de domínio encontram-se ligadas a elementos relacionados ao nível de *expertise* num dado domínio (Alencar & Fleith, 2003).

O segundo factor, os processos criativos relevantes, inclui factores como o estilo de trabalho, o domínio de estratégias que favorecem a produção de novas ideias, o estilo cognitivo e os traços de personalidade (Alencar & Fleith, 2003).

Finalmente, o terceiro e último factor considerado por Amabile é a motivação intrínseca que, embora muitos considerem inata, esta pode ser cultivada pelo ambiente social (Alencar & Fleith, 2003).

1.2.3. Perspectiva de Sistemas de Csikszentmihalyi

Segundo Csikszentmihalyi (1988, *cit. in* Alencar & Fleith, 2003), os estudos sobre a criatividade devem ter como principal foco os sistemas sociais e não apenas o indivíduo, como se tem verificado em alguns estudos. Isto porque, para Csikszentmihalyi, a criatividade surge da interacção entre o criador e a sua audiência.

De acordo com Csikszentmihalyi (1996, *cit. in* Alencar & Fleith, 2003), *“ criatividade não ocorre dentro dos indivíduos, mas é resultado da interacção entre os pensamentos do indivíduo e o contexto sócio-cultural. Criatividade deve ser compreendida não como um fenómeno individual, mas como um processo sistémico”*.

Assim, a criatividade não resulta apenas do produto individual, mas sim dos sistemas sociais que julgam esse produto (Alencar & Fleith, 2003).

Deste modo, este modelo defende a criatividade como um processo resultante da interacção de três factores: indivíduo (genética e experiências pessoais), domínio (cultura) e campo (sistema social). É o indivíduo que produz as variações e introduz mudanças no domínio ou na área de conhecimento (Alencar & Fleith, 2003).

É de salientar que todas estas abordagens salientam a noção de que embora o indivíduo tenha um papel activo no processo criativo, introduzindo variações e combinações diferentes, deve ter-se em conta também a influência de factores sociais, culturais, históricos neste processo criativo (Alencar & Fleith, 2003).

1.3. Factores que influenciam a Criatividade

Uma vez que a criatividade está interligada com factores de diversas origens, nomeadamente factores pessoais, ambientais entre muitos outros, torna-se importante perceber quais os diversos factores que os autores apontam como possíveis influenciadores da mesma.

Assim, tendo em conta o Modelo da Criatividade de Sternberg e Lubart (1995, *cit. in* Jeffries, 2007), verifica-se que alguns dos factores que demonstram uma

relevante influência na criatividade são a motivação, o conhecimento, a personalidade, a inteligência, os estilos de pensar e o meio envolvente.

De acordo com outros autores (e.g., Duarte, Imaginário & Jesus., 2010), de todos os factores que vêm sendo apresentados, surgem dois que se destacam, a motivação e o sono. Relativamente à motivação, os autores referem que se verifica que o resultado obtido na tarefa criativa poderá ser comprometida pelo empenho e predisposição que o indivíduo apresente no momento da execução. Já ao nível do sono, Jesus (1988, *cit. in* Duarte, Imaginário & Jesus., 2010) refere que este não só promove o descanso físico e psicológico com também fomenta o aumento da criatividade, o que possibilita por vezes a resolução de problemas peculiares.

1.4. Características associadas à Criatividade

Outro aspecto que devemos ter em consideração quando se fala em criatividade são as características que parecem estar presentes em indivíduos criativos. Isto porque, tal como foi referido anteriormente, durante muito tempo se acreditou que a criatividade seria inerente ao ser humano e, por conseguinte, dependeria apenas de factores individuais e da estimulação.

Segundo Barron e Harrington (1981, *cit. in* Goncalo & Staw, 2006), estudos com indivíduos considerados altamente criativos demonstraram a presença de características como independência de julgamento, auto-confiança e autonomia, o que lhes permite separar-se das ideias dos seus grupos sociais e apresentar ideias inovadoras e criativas. Já segundo Eysenck (1995), as características mais encontradas entre os indivíduos criativos são a curiosidade e a originalidade.

Aguilar (2000) defende, por sua vez, que alguns dos traços que caracterizam um indivíduo criativo são: o gosto pelo risco; a apreensão global dos elementos que o rodeiam e as experiências que o meio envolvente lhe proporciona; não se contenta com a opinião dominante, regendo as suas acções de acordo com a sua intuição, entre muitas outras.

De acordo com Pinheiro (2009), quando falamos em traços de personalidade encontrados nas pessoas criativas, há que ter em consideração dois autores distintos, Eysenck (1999, *cit. in* Pinheiro, 2009) e Wechsler (2002, *cit. in* Pinheiro, 2009). Assim, será apresentado de seguida uma tabela onde constam os traços de personalidade apresentados por ambos os autores (Tabela 1).

Tabela 1. Traços de Personalidade das pessoas criativas

De acordo com Eysenck	De acordo com Wechsler
1. Independência de atitude e comportamento social	1. Confiança em si mesmo ou auto-conceito positivo
2. Dominação	2. Pensamento original e inovador
3. Introversão	3. Alta sensibilidade externa e interna
4. Abertura a estímulos	4. Fantasia e imaginação
5. Interesses amplos	5. Inconformismo
6. Auto-aceitação	6. Independência de julgamentos
7. Intuição	7. Abertura a novas experiências
8. Flexibilidade	8. Sentido de destino criativo
9. Presença e atitudes sociais	9. Ideias elaboradas e enriquecidas
10. Uma atitude anti-social	10. Preferência por situações de risco
11. Preocupação com normas sociais	11. Alta motivação e curiosidade
12. Radicalismo	12. Elevado senso de humor
13. Rejeição a restrições externas	13. Impulsividade e espontaneidade
	14. Fluência e flexibilidade de ideias
	15. Uso elevado de analogias e combinações incomuns

Adaptado de Pinheiro (2009, p. 154)

1.5. Instrumentos de avaliação da Criatividade

Tal como já vem sendo referido, a avaliação da criatividade não é tarefa fácil para os autores que se debruçam sobre o tema. No entanto, vários têm sido os esforços realizados no sentido de encontrar instrumentos que consigam obter uma avaliação fidedigna e útil deste conceito tão complexo (Shansis, Fleck, Richards, Kinney, Izquierdo, Mattevi, Maldonado, & Berlim, 2003).

Assim, e tendo em conta o vasto leque de instrumentos passíveis de avaliar a criatividade, alguns autores sentem a necessidade de os agrupar tendo em conta os vários tipos existentes (Shansis *et al.*, 2003; Hocevar e Bachelor, 1989, *cit. in* Morais & Azevedo, 2009). São eles:

a) *Testes de pensamento divergente* – estes testes são os mais utilizados na avaliação do potencial criativo e baseiam-se no modelo SOI de Guilford. Deste tipo de

testes podemos salientar que os mais utilizados são os Testes de Pensamento Criativo de Torrance (Shansis *et al.*, 2003; Morais & Azevedo, 2009).

b) *Inventários de Atitudes e Interesses* – estes inventários partem do pressuposto que os indivíduos criativos apresentam atitudes e interesses potenciadores da criatividade. Por conseguinte, quando avaliados, estes indivíduos irão expressar estas atitudes e serão assim identificados. São exemplo deste tipo de testes a escala *Study of Values*, o Inventário de Interesses de Guilford-Zimmerman e o *Creative Attitude Survey* (Shansis *et al.*, 2003; Morais & Azevedo, 2009).

c) *Inventários de Personalidade* – a construção deste tipo de instrumentos tornou-se mais frequente durante os anos 60 e baseia-se na ideia de que existem algumas características de personalidade associadas às manifestações criativas. Dos vários instrumentos desta categoria podem citar-se o *California Personality Inventory*, o *Sixteen Personality Factor Questionnaire*, o *Adjective Check List* ou o *Creative Personality Scale* (Shansis *et al.*, 2003; Morais & Azevedo, 2009).

d) *Inventários Biográficos* – os inventários biográficos baseiam-se na ideia de que ao identificar-se acontecimentos passados supostamente relevantes, poderá prever-se a criatividade actual e futura. São exemplo, testes clássicos como o *Alfa Biographical Inventory*, o *Biographical Inventory of Creativity*, *Life Experience Inventory* ou ainda o *Creative Activities Checklist* (Shansis *et al.*, 2003; Morais & Azevedo, 2009).

e) *Avaliações por Professores, Colegas e Supervisores* – estas avaliações permitem que os supervisores de trabalhadores, professores ou colegas de estudantes, desempenhem o papel de juízes, avaliando a criatividade de alguns indivíduos quer no seu desempenho profissional quer no seu desempenho escolar (Shansis *et al.*, 2003; Morais & Azevedo, 2009).

f) *Julgamento dos produtos criativos* – este tipo de instrumentos têm como base a ideia de que os produtos criativos devem ser encarados como algo inovador e original, através da combinação de outros elementos, resultando em algo único (Shansis *et al.*, 2003).

g) *Trabalhos com eminência* – este procedimento de avaliação tem como população-alvo apenas indivíduos que são reconhecidos no seu campo de actuação como sendo extraordinários a nível criativo. Aqui estão incluídos os estudos biográficos de figuras históricas (como por exemplo Darwin), mas também estudos

sobre famosos contemporâneos considerados criativos (como por exemplo, os trabalhos de Roe e de Mackinnon) (Shansis *et al.*, 2003; Morais & Azevedo, 2009).

h) *Auto-relato de realizações e actividade criativas* – ao contrário da vasta literatura que se tem centrado no estudo de indivíduos eminentes, este tipo de avaliação tem em conta o estudo da criatividade diária de indivíduos não-eminentes. É exemplo deste tipo de avaliação as Escalas de Criatividade ao Longo da Vida (ECLV) de Richards, Kinney e Benet (Shansis *et al.*, 2003; Morais & Azevedo, 2009).

No que concerne à avaliação da criatividade em Portugal, já foi realizada a adaptação do Teste de Inteligência Criativa (CREA), que tem como objectivo a avaliação da criatividade enquanto produto, elaborado por Corbalán Berná, Martínez Zaragoza, Donolo, Alonso Monreal, Tejerina Arreal e Limiñana Gras (2003, *cit. in* Duarte, Imaginário & Jesus., 2010).

Importa também referir que, a nível internacional, a autora que mais se destaca no estudo e avaliação da criatividade é Solange Wechsler, autora da “Escala dos Estilos de Pensar e Criar”. Este instrumento apresenta 100 itens que avaliam a capacidade criativa dos indivíduos, a responder em escala de Likert. Neste instrumento encontram-se itens que reportam aos diversos estilos, ou seja, ao “estilo inconformista transformador”, ao “estilo relacional divergente”, ao “estilo lógico objectivo”, ao “estilo cauteloso reflexivo”, ao “estilo emocional intuitivo” e apresenta ainda alguns itens que avaliam a desejabilidade social (Wechsler, 2006).

Em Portugal, tentou-se ainda adaptar o instrumento “Estilos de pensar e criar”, seleccionando-se 49 itens através da análise factorial, no entanto, os resultados encontrados não coincidiram com os resultados da escala original (Pocinho & Garcês, 2010).

II. Perspectiva Histórica sobre a Deficiência Mental

Uma vez que esta investigação apresenta como população-alvo os indivíduos com Deficiência Mental, torna-se imprescindível perceber um pouco mais sobre esta temática. Por este motivo, será realizada uma breve caracterização desta problemática.

2.1. Evolução das Atitudes face à Deficiência

A história da Deficiência Mental (DM) tem sido construída com base no preconceito. Apesar da constante mudança na perspectiva, ainda existe preconceito e discriminação para com esta população (Santos & Morato, 2002).

Analisando a perspectiva histórica da deficiência, é visível a existência de quatro abordagens ao longo do tempo: a separação (pensamento mágico-religioso: aniquilação e veneração), a protecção (instituição do monoteísmo: caridade), a emancipação (Humanismo e Renascimento: estudo do homem e educabilidade das populações especiais nos mosteiros, locais de cultura) e, por fim, a integração (passagem da posição de aluno para pessoa, com o aparecimento de conceito como a normalização, educação, entre outros) (Moniz Pereira, 1993, *cit. in* Santos & Morato, 2002).

Recuando até à Antiguidade, verifica-se a existência de uma procura da perfeição, razão pela qual as crianças com deficiência eram abandonadas ou mortas à nascença. No entanto, na Idade Média, dá-se uma reviravolta mas não para melhor. Numa época em que a Igreja regia e se defendia o dualismo divino/demoníaco, a deficiência surgia associada a fenómenos metafísicos e espirituais. Uma vez que a criança era encarada como união entre o demónio e a mãe, tanto a criança com deficiência como a mãe eram queimadas em praça pública (Dessen & Silva, 2001).

Porém, no final da Idade Média, a influência cristã origina uma nova concepção – a criança com deficiência é um filho de Deus, razão pela se admitiu que também eles tinham uma alma. Surgem, desta forma, os primeiros sentimentos de caridade, e se começam a criar-se instituições onde possam ser acolhidos (Schwartzman, 1999, *cit. in* Dessen & Silva, 2001).

No final do século XV, devido à Revolução Burguesa, o indivíduo portador de deficiência passa a ser visto como um indivíduo não produtivo economicamente. Mas, nos séculos seguintes (séc. XVII, XVIII), depois de ter sido desmitificada a ideia de que a deficiência mental seria um fenómeno metafísico e se ter percebido que seria uma questão médica, deu-se início ao ensino institucionalizado (Dessen & Silva, 2001).

Contudo, apenas no final do século XIX é iniciado o estudo científico da Deficiência Mental onde se destacaram as áreas da psicologia e psiquiatria, surgindo o sentimento de responsabilidade social e posterior estruturação do ensino especial como sistema paralelo ao ensino em geral (Dessen & Silva, 2001; Fautino, 1994, *cit. in* Santos & Morato, 2002).

2.2. Definição e Classificação

Ao longo dos anos, vários foram os termos utilizados para identificar as pessoas com Deficiência Mental, sendo que todos eles tomaram conotações negativas. Entre os vários termos utilizados, podemos salientar: idiota, oligofrénico, imbecil, débil mental, anormal, inválido, diminuído, atrasado mental, indivíduo com atraso no desenvolvimento, criança com dificuldades de aprendizagem permanentes ou ainda, pessoa com necessidades educativas especiais (N.E.E.) (Morato, 1998; Veiga, 1999).

Uma vez que actualmente ainda surge alguma dificuldade na definição desta problemática, definiu-se que, para que seja possível efectuar o diagnóstico de deficiência mental, é necessário que se verifique em simultâneo, um funcionamento intelectual claramente abaixo da média e um défice no comportamento adaptativo (Vieira & Pereira, 2003).

Em 1978, no I Congresso Mundial sobre o Futuro da Educação Especial, foi aprovada a seguinte definição proposta pelo Comité:

“A deficiência mental refere-se a um funcionamento cognitivo geral inferior à média, independentemente da etiologia, manifestando-se durante o período de desenvolvimento, o qual é de uma severidade tal que marcadamente limita a capacidade do indivíduo para aprender e, conseqüentemente, para tomar decisões lógicas, fazer escolhas e julgamentos e limita também a sua capacidade de auto-controle e de relação com o envolvimento”.

(Vieira & Pereira, 2003, p.43)

Na 9ª edição (1992), A Associação Americana de Deficiência Mental (AAMR) avança com a definição que também surge no DSM-IV (1994):

“a deficiência mental refere-se a limitações substanciais no funcionamento intelectual geral abaixo da média, coexistindo com limitações relacionadas em duas ou mais das seguintes áreas do

comportamento adaptativo: Comunicação; tomar conta de si; vida doméstica; capacidades sociais; uso dos recursos da comunidade; auto-determinação, saúde e segurança; funcionamento académico, lazer e trabalho. A deficiência intelectual manifesta-se antes dos 18 anos”.

*(American Association on Mental Retardation,
1992, p.1, cit. in Claudino, 1997)*

Deste modo, torna-se importante perceber a classificação dada pela *American Association on Mental Retardation* (2006) ao portador de deficiência mental de forma a compreender assim, o que é considerado um funcionamento intelectual abaixo da média.

Assim sendo:

- ✓ **Deficiência Mental Ligeira (Q.I. entre 55 e 70):** é ligeiramente equivalente à designação “educável” do ponto de vista escolar;
- ✓ **Deficiência Mental Moderada (Q.I. entre 40 e 54):** engloba os indivíduos considerados “treináveis” do ponto de vista escolar;
- ✓ **Deficiência Mental Grave (Q.I. entre 25 e 39):** corresponde aos indivíduos considerados “dependentes”;
- ✓ **Deficiência Mental Profunda (Q.I. inferior a 25):** corresponde aos indivíduos que necessitam de apoio constante e não são autónomos.

(Claudino, 1997; Fierro, 1999; Cascajo & Sacritán, 2002; Santos & Morato, 2002; Vieira & Pereira, 2003)

2.3. Incidência e Frequência

Uma vez que se trata de um conceito difícil de definir, não existem sistemas de definição rigorosos o que, por conseguinte, leva a um desconhecimento da sua etiologia. No entanto, foi possível apurar que é menos incidente em crianças mais novas do que em crianças em idade escolar ou adolescentes; tem maior incidência (cerca do dobro) no sexo masculino do que no sexo feminino; apresentando ainda

maior índice de ocorrência em grupos de baixo nível socioeconómico (Santos & Morato, 2002).

Segundo dados divulgados pela Organização Mundial de Saúde (OMS) (2002), cerca de 10% da população em países em desenvolvimento são portadores de algum tipo de deficiência, sendo que metade desses é portadora de Deficiência Mental.

2.4. Factores de Risco

Tal como já vem sido mencionado, a Deficiência Mental é um conceito abrangente e difícil de definir. O mesmo acontece quando falamos dos factores que poderão originá-la uma vez que, por vezes, mesmo utilizando meios sofisticados de diagnóstico, torna-se difícil percebê-los com clareza (Cascajo & Sacritán, 2002).

No entanto, podemos nomear alguns dos que são já conhecidos, tendo em conta a fase de desenvolvimento em que estes ocorrem:

- ✓ **Pré-natais** (desde a concepção até ao início do trabalho de parto):
 - Desnutrição materna;
 - Deficiente assistência à gestante;
 - Incompatibilidade RH (mãe – bebé);
 - Doenças infecciosas congénitas (sífilis, toxoplasmose, citomegalovírus, rubéola);
 - Doenças maternas gestacionais (hipertensão, diabetes);
 - Tóxicos (alcoolismo, consumo de drogas, poluição ambiental, tabagismo, efeitos colaterais de medicamentos);
 - Genéticos (alterações cromossómicas, Síndrome de Martin Bell ou X Frágil, Trissomia 21, alterações genéticas, esclerose tuberosa, Síndrome de Williams, entre outros).

(Fierro, 1999; Moltó & Canet, 2001; Cascajo & Sacritán, 2002)

- ✓ **Peri-natais** (desde o início do trabalho de parto até aos 30 dias de vida do bebé):
 - Má assistência ao parto e traumas de parto;
 - Hipóxia ou Anóxia;
 - Prematuridade e baixo peso;

- Icterícia grave do recém-nascido – Kernicterus (incompatibilidade Rh/ABO).

(Fierro, 1999; Moltó & Canet, 2001; Cascajo & Sacritán, 2002)

✓ **Pós-natais** (dos 30 dias de vida do bebé até ao final da adolescência):

- Desnutrição, desidratação, carência grave de estimulação;
- Infecções (meningites, encefalites, sarampo);
- Intoxicações exógenas (envenenamento): medicamentos, insecticidas, produtos químicos (mercúrio, chumbo, entre outros);
- Acidentes (rodoviários, afogamento, “choques eléctricos”, asfixia, quedas, entre outros).

(Fierro, 1999; Moltó & Canet, 2001; Cascajo & Sacritán, 2002)

2.5. Características Evolutivas da Pessoa Portadora de DM

Como em qualquer outra pessoa “normal”, os indivíduos portadores de DM apresentam um comportamento pessoal e social muito variável sendo que, não é possível falar-se em características idênticas a todos os portadores de DM (Santos & Morato, 2002).

Assim, esta diferença de características, juntamente com as diferentes experiências ambientais e constituição biológica leva a diferentes diagnósticos, embora os comportamentos apresentados sejam idênticos (Santos & Morato, 2002).

2.6. Características Específicas da Pessoa Portadora de DM

No que concerne às características específicas que auxiliam na distinção entre indivíduos com DM e os outros, podemos referir as características físicas, pessoais e sociais (Fierro, 1999; Cascajo & Sacritán, 2002):

✓ **Físicas:**

- Dificuldades de locomoção;

- Dificuldades de manipulação;
- Dificuldades de coordenação;
- Falta de Equilíbrio.

✓ **Pessoais:**

- Falta de auto-controlo;
- Ansiedade;
- Possível existência de perturbações da personalidade;
- Tendência para evitar situações de fracasso mais do que para procurar o êxito.

✓ **Sociais:**

- Atraso evolutivo em situações de lazer;
- Atraso evolutivo em situações de jogo;
- Atraso evolutivo em situações de actividade sexual.

III. Criatividade na Deficiência Mental?

Este é um tema que não tem sido muito estudado ao longo dos anos, facto este que talvez se deva à dificuldade já inerente ao estudo da criatividade, sobretudo quando associado a uma patologia também ela complicada de analisar e avaliar.

Contudo, irá ser apresentado em seguida, as referências encontradas na literatura sobre o tema da saúde mental, embora continue a ser difícil encontrar algo directamente ligado à Deficiência Mental propriamente dita.

Desde sempre que existe uma grande especulação em torno da criatividade e da sua ligação com a saúde mental (Pavitra, Chandrashekas & Choudhury, 2007).

Contudo, vários estudos metodologicamente importantes têm sido levados a cabo com o intuito de estabelecer de forma clara a relação existente entre a criatividade e a saúde mental (Pavitra, Chandrashekas & Choudhury, 2007).

Vários estudos do início dos anos 70 e 80, bem como o estudo desenvolvido por Pavitra, Chandrashekas e Choudhury (2007), demonstram que quando são realizados estudos com grupos criativos e grupos não criativos, não se verifica quaisquer diferenças em termos de doenças mentais. Assim, isto indica que, à primeira vista, os sujeitos com problemas mentais podem ser criativos, ou contrário do que se possa pensar.

É então importante referir que, muitos autores (e.g., Pavitra, Chandrashekas & Choudhury, 2007) referem mesmo que, não existem génios que não tenham um rasgo de loucura. Surgem mesmo vários relatos de vários sujeitos criativos que evidenciam várias patologias do foro psicológico, tal como a Deficiência Cognitiva.

Porém, existem ainda alguma dificuldade em determinar quais os tipos de patologias que actuam como inibidores ou facilitadores nos vários tipos de actividade criativa. É neste sentido que se deve ter em conta que a criatividade depende também das características individuais dos sujeitos, isto porque se verifica que alguns sujeitos precisam estar minimamente doentes para serem criativos enquanto outros ao estarem doentes “perdem” a criatividade (Pavitra, Chandrashekas & Choudhury, 2007).

Surge então a pertinente questão: considerando todos os aspectos acima apresentado, será a doença mental essencial ou meramente secundária no que diz respeito ao processo criativa?

De acordo com a *American Association on Mental Retardation (AAMR)* (*cit. in* Julius, Wolfson & Yalon-Chamovitz, 2003), a Deficiência Mental não é um distúrbio nem mental nem médico.

A Deficiência Mental é então uma deficiência que se manifesta antes dos 18 anos e se caracteriza por limitações significativas a vários níveis, sobretudo a nível de

funcionamento intelectual e comportamento adaptativo. Consequentemente, podemos referir ainda que, a Deficiência Mental representa um estado funcional que reflecte algum nível de adequação entre as capacidades individuais e as estruturas e expectativas do seu ambiente (Julius, Wolfson & Yalon-Chamovitz, 2003).

Segundo Julius, Wolfson e Yalon-Chamovitz (2003), em termos profissionais, torna-se importante avaliar a discriminação existente na contratação entre homens e mulheres e sobretudo, na contratação de sujeitos com Deficiência Mental. Defendem ainda que, se deve perceber se a incapacidade para o mundo do trabalho realmente está presente nesta população.

É neste sentido que os autores acima mencionados defendem a ideia de que a ênfase dada a este assunto tem vindo a “forçar” uma modificação na aproximação das organizações públicas beneficentes e o entendimento de que os sujeitos com Deficiência Mental têm os mesmos direitos e *skills*. Assim sendo, são perfeitamente criativos e, portanto, capazes de dar o seu contributo à sociedade.

Este facto parece ser corroborado por outros estudos (e.g., Wehmeyer & Metzler, 1995), que defendem que os sujeitos com Deficiência Mental caracterizados pela sua auto-determinação também são capazes de ser criativos, de resolver problemas e identificar consequências, definindo para isso os objectivos que pretendem atingir.

Vigotski (1995) defende que, mesmo quando o sujeito apresenta uma deficiência mental profunda, se tiver acessos a bons cuidados e a uma boa educação, poderá ser um sujeito activo e ajustado socialmente. Este autor defende ainda que, ao contrário daquilo que se poderá pensar, a criatividade, bem como a capacidade e a eficiência não se encontram ausentes nos sujeitos com deficiência. Pelo contrário, estas não só se encontram presentes como actuam como constantes formas de compensação e adaptação. No entanto, muitas vezes deixam de ser percebidas devido à presença da incapacidade que se torna evidente.

ESTUDO EMPÍRICO

Após a revisão teórica apresentada no capítulo anterior verificou-se a importância de elaborar instrumentos que avaliem a criatividade, especialmente a personalidade criativa.

Assim sendo, neste capítulo serão apresentados os objectivos da investigação e será descrita a metodologia utilizada. Para isso será realizada a caracterização da amostra, a escala utilizada, os procedimentos de recolha de dados.

I. Objectivos

Após se perceber a complexidade da criatividade e a dificuldade existente em avaliá-la, percebeu-se a importância de construir uma escala que conseguisse avaliar especificamente a personalidade criativa. Assim, após a construção da Escala de Personalidade Criativa (EPC), verificou-se a necessidade de a aplicar a uma amostra representativa e posterior análise estatística de modo a que no futuro possa ser disponibilizada como instrumento de avaliação da personalidade criativa.

Contudo, e uma vez que a amostra deverá ser representativa da população portuguesa, há que ter em conta não só a população dita “normal” mas também a população com deficiência.

No presente estudo, a população utilizada será a população com deficiência mental.

Assim sendo, e uma vez que este estudo faz parte da aferição da EPC, podemos referir que os objectivos gerais deste estudo são:

1. *Contribuir para a aferição da EPC utilizando para isso uma população com Deficiência;*
2. *Avaliar a Personalidade Criativa em Indivíduos com Deficiência Mental.*

II. Amostra

Tal como já foi referido no início deste capítulo, o objectivo desta investigação é avaliar a criatividade na população com Deficiência Mental, contribuindo deste modo para a aferição da Escala de Personalidade Criativa.

Assim sendo, a amostra será constituída apenas por indivíduos portadores de Deficiência Mental com idade superior a 18 anos.

2.1. Técnicas de Amostragem

Tendo em conta que os sujeitos que participaram neste estudo foram seleccionados atendendo essencialmente ao critério idade (superior a 18 anos) e à presença de Deficiência Mental, o método de amostragem foi intencional.

Assim, e apesar de serem utilizadas técnicas de amostragem não probabilística como a amostragem por conveniência, existe porém a vantagem da disponibilidade geográfica e económica.

De forma a conseguir uma amostra mais representativa da população portuguesa, foram inquiridos indivíduos de zonas geográficas diferentes (Litoral Alentejano e Lisboa), com estatutos sócio-económicos baixo e médio.

2.2. Caracterização Geral da Amostra

Relativamente às variáveis sócio-demográficas, foram apenas recolhidos dados relativos ao sexo e idade dos sujeitos.

O presente estudo será realizado apenas a população portuguesa de ambos os sexos, com Deficiência Mental entre os graus leve a moderada, apresentando um total de 45 participantes, 21 do sexo masculino e 24 do sexo feminino.

No que diz respeito à faixa etária dos indivíduos deste estudo, é de referir que a idade mínima obrigatória para participar no estudo é 18 anos. Isto por duas razões: a primeira, pois o estudo de aferição desta escala tem sido realizada com adultos, por conseguinte, o contributo deverá manter-se na mesma linha de pesquisa e portanto, apenas adultos. A segunda razão está ligada ao facto de a personalidade criativa poder estar mais desenvolvida em adultos, tal como alguns estudos têm defendido.

Assim, torna-se importante referir que a amostra apresenta idades compreendidas entre os 18 e os 40 anos de idade, verificando-se uma média de 28 anos (Tabela 2). Já no que diz respeito ao estatuto sócio-económico, verificou-se que apenas uma pequena parte da amostra (cerca de 25%) pertencia ao estatuto médio-

alto enquanto que todos os outros participantes de encontravam no estatuto médio-baixo.

Tabela 2. Estatística das idades da amostra

N	Válido	45
	<i>Missing</i>	0
Média		28,00
Desvio-padrão		6,980
Mínimo		18
Máximo		40

Foram recolhidos dados das cidades do concelho de Santiago do Cacém: Santiago do Cacém (Cercisiago – Valência de Formação Profissional), Santo André, Sines. Foram ainda recolhidos dados na cidade de Lisboa, mais precisamente do Multidesportivo do Sporting Clube de Portugal, Departamento de Natação.

De todos os questionários aplicados, todos cumpriam os critérios de inclusão exigidos, e todos se encontravam correctamente preenchidos, razão pela qual nenhum dos questionários foi excluído.

III. Escala de Personalidade Criativa (EPC)

Tendo em conta que um dos objectivos desta investigação é precisamente contribuir para a aferição da Escala da Personalidade Criativa (EPC), torna-se imprescindível perceber como se chegou à conclusão de que era importante criar esta escala e os passos seguidos na sua construção.

3.1. Metodologia utilizada na construção da EPC

Após se ter tentado adaptar o instrumento “Estilos de Pensar e Criar” de Wechsler, inicialmente composta por 100 itens, para Portugal e os resultados não terem coincidido com os resultados obtidos pela escala original, verificou-se a necessidade de criar uma escala que avaliasse a personalidade criativa. Assim, partiu-se da escala apresentada por Solange Wechsler de modo a elaborar uma nova escala para esse efeito (Jesus *et al.*, 2011).

Assim, para que fosse possível formular a Escala da Personalidade Criativa, recorreu-se ao seguinte processo:

1. Primeiramente, foi realizada uma pesquisa sobre os investigadores, em Portugal, que têm como objecto de estudo a criatividade. Entre os critérios obrigatórios para a aceitação desses investigadores, estes deveriam ter já uma tese de mestrado ou doutoramento sobre a criatividade, ter já orientado uma tese sobre este tema ou ter pelo menos uma publicação neste âmbito (Jesus *et al.*, 2011).

2. De seguida, e após terem sido identificados 9 investigadores desta área, cada um deveria seleccionar os 20 itens do instrumento de Solange Wechsler que acreditam caracterizar de melhor forma a personalidade criativa. Poderiam ainda apresentar 5 características, cada um, que acreditam estar vinculadas à personalidade criativa (Jesus *et al.*, 2011).

3.2. Resultados obtidos

Após esta recolha de itens junto dos 9 investigadores, verificou-se que dos 100 itens originais, apenas 45 foram seleccionados por pelo menos um dos especialistas (Jesus *et al.*, 2011).

Dos 45 itens alcançados, foram tidos em consideração para a formulação da EPC, apenas aqueles que haviam sido indicados por pelo menos um terço dos especialistas, o que levou à selecção de 28 itens (Jesus *et al.*, 2011).

Através do número de indicações obtidas para cada um dos 28 itens seleccionados foi possível observar quais aqueles que são considerados como sendo as características mais marcantes de um indivíduo criativo. São eles: não tenho medo de situações novas, sou uma pessoa curiosa, sou mais produtivo(a) quando respeito minhas emoções, tenho coragem de iniciar uma nova actividade mesmo que exista risco, sou uma pessoa com sentido de humor, resolver problemas de maneira diferente é algo que me fascina, utilizo a minha imaginação para o crescimento pessoal e profissional (Jesus *et al.*, 2011).

De seguida será apresentado uma tabela onde está explicito o número de itens de cada estilo existente na escala de Wechsler e o número de itens seleccionados para integrar esta nova escala – EPC (Jesus *et al.*, 2011) (Tabela 3).

Tabela 3. Número de itens de cada estilo na escala de Wechsler e na EPC

	Escala dos Estilos de Pensar e Criar	Escala da Personalidade Criativa
Estilo Cauteloso Reflexivo - CR	32	–
Estilo Inconformista Transformador - IT	32	22
Estilo Lógico Objectivo - LO	11	–
Estilo Emocional Intuitivo - EI	7	4
Estilo Relacional Divergente - RD	8	2
Desejabilidade Social - DS	10	–
Total	100	28

Adaptado de Jesus *et al.* (2011)

Além dos 28 itens já seleccionados, surgiram dois itens de características da personalidade criativa indicados por mais do que um especialista, sendo por isso, também seleccionados para integrar a EPC. Estes itens são: “Consigo encontrar várias soluções para o mesmo problema” e “Tenho facilidade em encontrar a beleza das coisas” (Jesus *et al.*, 2011).

3.3. Versão Inicial da EPC

Verifica-se assim que a versão inicial da EPC é constituída por 30 itens que devem ser respondidos numa escala de tipo *Likert* de 5 pontos sendo que o 1

corresponde a discordo totalmente e o 5 corresponde a concordo totalmente (Jesus *et al.*, 2011).

Surge então a urgente necessidade de aplicar esta escala a uma amostra representativa da população portuguesa para que, após serem realizados todos os estudos psicométricos necessários, se possa disponibilizar este instrumento como sendo válido na avaliação da personalidade criativa (Jesus *et al.*, 2011) (Anexo I).

IV. Procedimento

Após explicados os procedimentos que levaram à realização da Escala de Personalidade Criativa, é importante explicar os procedimentos da recolha dos questionários.

4.1. Procedimentos de recolha de dados na Cercisiago

No que diz respeito aos jovens/adultos da Cercisiago, foi efectuado um pedido de autorização à Directora da Cercisiago, por intermédio do Coordenador da Valência Educativa Dr. Luís Passão e pela Assistente Social Dr.^a Alexandra Leitão.

Após a autorização, foi pedida autorização à Orientadora da Formação Profissional para que fosse possível utilizar uma hora da Formação para realizar a aplicação dos questionários.

Assim, a aplicação dos questionários foi realizada na sala da Formação Profissional, em dois grupos. Aquando da aplicação dos questionários, foi explicado aos sujeitos que a sua participação no estudo era voluntária, anónima e confidencial.

Ambas as aplicações foram realizadas em grupo. Contudo, como dois dos sujeitos não sabiam ler nem escrever mas compreendiam as mensagens orais, o preenchimento foi efectuado pela investigadora.

Foram ainda realizadas algumas explicações pontuais relativas ao significado de algumas palavras.

4.2. Procedimentos de recolha de dados no Sporting Clube de Portugal

Relativamente aos jovens do Multidesportivo do Sporting Clube de Portugal, foi realizado o pedido a uma das professoras, que posteriormente realizou o pedido ao Coordenador.

Após ser concedida a autorização para realizar a recolha de dados no Multidesportivo, foi realizada uma nova deslocação ao local com o intuito de falar com os pais dos jovens que iriam integrar esta investigação.

Assim, foi explicado aos pais dos jovens quais os objectivos gerais desta investigação bem como que a participação seria voluntária, anónima e confidencial. Uma vez que todos os pais aceitaram que os seus filhos fizessem parte desta investigação, procedeu-se à recolha dos dados junto dos jovens.

Há que salientar que, por vezes foi necessário explicar alguns conceitos presentes nas questões.

Para se perceber melhor o tipo de amostra de que se trata este grupo, há que salientar que todos os jovens inquiridos fazem parte da equipa nacional de natação, tendo alguns já arrecadado algumas medalhas de ouro.

4.3. Procedimentos de recolha de dados em Santo André e Sines

Finalmente, os restantes sujeitos que fizeram parte desta investigação foram jovens/adultos das cidades de Santo André e Sines. Estes sujeitos também com deficiência mental foram escolhidos por conveniência geográfica e por serem conhecidos da investigadora ou de amigos da mesma que se disponibilizaram para responder aos questionários.

Foi novamente explicado de forma geral, os objectivos desta investigação e que as suas respostas seriam confidenciais e anónimas.

A aplicação dos questionários foram realizadas sempre em locais cómodos e sem terceiras pessoas presentes.

Também com este grupo foi necessário por vezes explicar algumas palavras que constavam nas perguntas do questionário.

APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DE RESULTADOS

Após a caracterização do estudo, é necessário realizar o tratamento dos dados e analisá-los. Assim, de seguida serão apresentados os dados e a sua análise.

Na análise dos resultados obtidos, uma vez que este estudo se insere num estudo de adaptação da Escala de Personalidade Criativa, recorreu-se ao cálculo da correlação item-total de modo a identificar a importância de cada item para a escala. Deste modo torna-se também possível estudar a fiabilidade da escala através da análise da consistência interna dos itens (avaliada pelo Alfa de Cronbach).

Por último, torna-se importante referir que todas as análises realizadas ao longo deste estudo foram efectuadas com recurso ao programa de tratamento de dados estatísticos SPSS (versão 18.0).

I. Análise da consistência interna

Após se realizar o cálculo da correlação item-total, obtiveram-se tabelas com a análise dos dados obtidos na escala.

De acordo com esta análise todos os questionários recolhidos são válidos, não se verificam quaisquer questionários excluídos.

Nunnally (1994) defende que a consistência interna de um instrumento pode ser muito boa se o alfa de Cronbach for superior a 0.9, boa se o alfa estiver entre 0.8 e 0.9, razoável se o alfa variar entre 0.7 e 0.8, fraca se se encontrar entre 0.6 e 0.7 e inadmissível se o alfa for inferior a 0.6.

Assim, verifica-se que a Escala de Personalidade Criativa apresenta um Alfa de Cronbach de 0.951, o que representa um alfa elevado e consequentemente, uma boa consistência interna – um bom nível de fiabilidade (Tabela 4). O mesmo valor é atribuído ao Alfa de Cronbach baseado em itens estandardizados, o que normalmente não acontece, verificando-se sempre uma pequena discrepância entre os resultados.

O facto de se verificar um tão elevado alfa pode ser atribuído à pequena dimensão da amostra utilizada neste estudo. Nestes casos, quando a amostra é pequena, os resultados obtidos podem, por vezes parecer mais significativos do que seriam na realidade ao utilizar uma amostra de maior dimensão.

Tabela 4. Estatística de Confiança

Alfa de Cronbach baseado em		
Alfa de Cronbach	itens estandardizados	N de itens
,951	,951	30

De seguida foi realizada a correlação inter-item, de forma a podermos perceber melhor a nossa escala e a correlação existente entre os 30 itens que constituem a mesma.

Segundo Maroco (2003), o valor da consistência interna de uma escala depende não só do número de itens que a constituem mas também das correlações encontradas entre eles. Deste modo, um número reduzido de itens ou correlações inter-item baixas podem contribuir para a diminuição do nível de consistência interna da escala.

Segundo os autores Golden, Sawick, e Franzen (1984), uma correlação superior a 0.3 é considerada boa. Assim sendo, através desta análise é possível verificar que na maior parte dos itens, as correlações encontradas variam entre 0.3 e 0.5, o que indica que se trata de uma boa escala, sendo que este facto é corroborado pelo alfa da escala acima mencionado.

No entanto, verificou-se também a presença de algumas correlações negativas, o que poderá indicar que alguns dos itens da escala podem não estar a medir, de forma precisa, aquilo a que se propõem inicialmente. A presença destas correlações negativas pode deste modo influenciar negativamente o valor da consistência interna da escala (Anexo II).

Mais uma vez, é necessário ter em conta, quando analisamos estes dados, que a pequeno tamanho da amostra pode influenciar os resultados alcançados.

Por fim, torna-se imprescindível, num estudo de adaptação de escala, verificar a significância de cada item, de modo a perceber se todos os itens da escala são importantes ou se existem itens que apenas prejudicam a consistência interna da mesma.

Assim, através da estatística item-total, é possível analisar a correlação dos itens e o alfa de Cronbach da escala, quando algum dos itens é excluído. Tal como se pode verificar através da quadro 2 (Anexo III), de todos os itens desta escala, aquele que apresenta menor correlação item-total corrigida é a pergunta 12 ("*Sou uma pessoa otimista*"), com o valor 0.331. Embora apresente um valor inferior aos restantes, de acordo com os critérios apresentados pelos autores da escala, esta é considerada uma correlação significativa. Porém, esta conclusão depende da dimensão da amostra, sendo mais difícil obter resultados estatisticamente significativos em amostras de pequenas dimensões, como é o caso. Outro parâmetro a ter em consideração na avaliação de uma correlação é o parâmetro apresentado por

Golden, Sawick e Franzen (1984). De acordo com estes autores, as correlações com valor superior a 0.3 podem ser consideradas como uma boa correlação, corroborando assim os resultados encontrados.

Ainda relativamente à estatística item-total, deve ser referido que, no que diz respeito ao item 11 (*“Encontro motivação em tudo o que faço”*), verifica-se que ao ser excluído influencia negativamente o alfa da escala uma vez que este passa de 0.951 para 0.947. Esta situação parece indicar que este é o item possivelmente mais importante para a fiabilidade da escala, pelo que deve ser mantido na mesma (Anexo III).

Finalmente, há que ressaltar que todos os restantes itens parecem diminuir o alfa da escala quando excluídos, pelo que parecem ser importantes para a consistência interna da mesma não podendo, portanto, ser excluídos. Apenas os itens 1, 3, 19, 22 e 23 parecem não apresentar grande influência na consistência interna da escala, uma vez que, quando excluídos, o alfa da escala mantém-se o mesmo que se verificou inicialmente, 0.951 (Anexo III).

II. Análise Descritiva da Escala

Neste tipo de estudo, quando analisados os dados obtidos deve ainda fazer-se uma análise descritiva da Escala onde se deverão apresentar a média e o desvio-padrão encontrado para cada item e também para a escala.

Assim, é possível verificar-se que no que diz respeito aos itens, as médias variam entre 3.13 e 4.44. No entanto, no que diz respeito aos desvios-padrão, verifica-se uma maior discrepância entre os resultados obtidos para os diversos itens.

De modo a termos uma visão geral dos resultados obtidos, podemos recorrer à análise da tabela 7 (Anexo IV).

Finalmente, no que diz respeito à escala total, verifica-se que esta apresenta uma média de 110.29, um desvio-padrão de 20.474 e uma variância de 419.165 (tabela 5).

Tabela 5. Estatística da Escala

Média	Variância	Desvio-padrão	N de itens
110,29	419,165	20,474	30

Torna-se também importante perceber em que medida os dados sócio-demográficos podem ter influenciado o valor total obtido na escala.

Em relação ao estatuto socioeconómico, verificou-se uma estatística de teste (Z) de -0,119, com uma significância de 0,905 (ver anexo V), o que indica que se trata de um valor bastante significativo. Ou seja, é possível que o estatuto socioeconómico possa influenciar o valor total obtido na escala, no sentido em que os sujeitos com um estatuto médio-alto apresentam resultados mais elevados do que aqueles que têm um estatuto médio-baixo. No entanto, há que ter em conta que, apenas cerca de 25% da amostra faz parte do estatuto sócio-económico médio-alto, enquanto os restantes 75% fazem parte do estatuto médio-baixo, revelando a baixa homogeneidade neste parâmetro, o que pode levar a estes resultados.

Relativamente ao género dos participantes, verifica-se uma estatística de teste (Z) de -1,354, com uma significância de 0,176 (ver anexo VI). Tendo em conta que a amostra é relativamente homogénea neste parâmetro, esse valor indica que é provável que o género dos participantes não exerça uma influência significativa no valor total da escala.

No que diz respeito à idade dos participantes, através da análise do *Kruskal Wallis*, verifica-se um qui-quadrado de 27,061, com um grau de liberdade (df) de 21 e uma significância de 0,169, pelo que a idade não parece ter uma influência significativa sobre os resultados obtidos na escala (ver anexo VII).

Tendo em conta os resultados referidos, parece que as variáveis sócio-demográficas avaliadas não exercem uma influência significativa sobre os resultados obtidos na escala, o que corresponde aquilo que em geral se verifica nos estudos sobre a criatividade, pois parecem ser variáveis psicológicas a influenciar mais a criatividade do que variáveis sócio-demográficas.

REFLEXÕES E CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo insere-se na temática da criatividade e trata-se de um estudo de adaptação de uma escala. Neste estudo, em particular, a população utilizada para a adaptação da escala é a população com Deficiência Mental.

A criatividade por si só já é um conceito complexo e difícil de definir e avaliar. Quando surge associada à Deficiência Mental esta dificuldade aumenta uma vez que poucos são os estudos levados a cabo neste âmbito. Contudo, uma vez que esta população também faz parte da população portuguesa, é importante que também estes indivíduos participem em estudos desta natureza.

Assim, a revisão teórica permitiu-nos perceber um pouco mais sobre a criatividade, sobre os factores que a influenciam, os modelos existentes e os instrumentos utilizados na sua avaliação. A revisão permitiu-nos também perceber melhor o funcionamento dos indivíduos com Deficiência Mental e em última instância, permitiu-nos também identificar alguns dos estudos levados a cabo nesta área. Apesar de não ter sido possível encontrar na literatura estudos que associem a criatividade à Deficiência Mental de forma clara, alguns são os estudos que associam a criatividade à saúde mental, pelo que é possível retirar algumas conclusões sobre a forma como a Deficiência Mental pode influenciar a criatividade dos sujeitos.

Uma vez que este estudo tem como principal objectivo contribuir para a adaptação da Escala de Personalidade Criativa, tornou-se imprescindível perceber como surgiu a necessidade de criar esta escala, como esta escala foi construída e como esta escala deve ser aplicada e cotada.

Assim, e tendo em mente o principal objectivo deste estudo, iniciou-se o processo de recolha dos dados e posterior análise dos mesmos.

De acordo com os resultados obtidos, é possível verificar que esta escala apresenta uma consistência interna muito boa (0.951), no entanto, há que ter sempre em mente que a amostra deste estudo era de pequenas dimensões, o que poderá levar a um enviesamento dos resultados.

O mesmo se pode concluir no que diz respeito aos itens que deveriam ser retirados da escala por prejudicarem a sua consistência interna. Isto porque, segundo a análise dos dados obtidos, podemos assumir que todos os itens apresentam uma boa correlação item-total, não devendo por isso ser retirados da escala. Porém, há que ter sempre em mente que, considerando a amostra utilizada, é possível que este resultado não seja muito significativo.

Contudo, é importante ressaltar que, além da amostra de pequenas dimensões, os dados podem também ter sido enviesados pela amostra em si. Isto é, uma vez que a amostra utilizada foi a população com Deficiência Mental, apesar de terem sido recrutados sujeitos apenas de grau leve e moderado, pode ter ocorrido algumas falhas no que diz respeito à interpretação das questões da escala.

Por outro lado, relativamente ao estatuto sócio-económico, este parece não ter influenciado os dados obtidos, uma vez que, na sua maioria a amostra situava-se no estatuto sócio-económico médio baixo (cerca de 75%), razão pela qual a amostra pode ser considerada homogénea no que respeita a este parâmetro.

Apesar desta amostra não ser totalmente representativa da população portuguesa, quer pelas suas características quer pela sua dimensão, porém, em relação às idades alcançadas verifica-se uma margem significativa (idades compreendidas entre 18 e 40 anos).

Finalmente, tendo em conta o objectivo secundário deste estudo, avaliar a criatividade nos sujeitos com Deficiência Mental, através dos resultados obtidos, verifica-se que estes apresentam uma boa capacidade criativa. Isto é corroborado pelos estudos de Pavitra, Chandrashekas e Choudhury (2007) que salientam a ideia de que os sujeitos com problemas mentais ou patologias do foro psicológico como a Deficiência Mental podem ser criativos embora possa parecer o contrário.

LIMITAÇÕES E IMPLICAÇÕES

Embora este estudo tenha contribuído com alguns resultados para a adaptação da Escala de Personalidade Criativa e tenha alcançado resultados positivos, várias são as sugestões que ficam para futuras investigações com o intuito de melhorar a os resultados obtidos.

Este tipo de estudos (adaptação de escalas) são estudos que requerem tempo para que se consiga recolher uma amostra de dimensões aceitáveis, significativas e sobretudo, representativas da população à qual se pretende adaptar a escala. No entanto, o tempo disponibilizado para este estudo dificultou a recolha deste tipo de amostra. Em futuras investigações seria importante que se disponibilizasse mais tempo de modo a conseguir alcançar o maior número de pessoas possível da maior parte do país.

Por outro lado, e embora tenha sido referido várias vezes ao longo deste trabalho, é importante referir que o facto da amostra ser de pequenas dimensões, não ser homogénea e ter sido escolhida por conveniência, terá sem dúvida enviesado os resultados obtidos. Nomeadamente no que diz respeito aos valores encontrados, que poderão surgir como significativos apenas por termos uma amostra de pequenas dimensões.

Ainda no que diz respeito ao tamanho da amostra, há que referir que, uma vez que esta é uma amostra de pequenas dimensões, não foi possível realizar análise factorial. Já o facto de não existirem estudos anteriores realizados com a EPC não permitiu que se fizesse a comparação dos resultados obtidos no presente estudo com os resultados de outros estudos. No entanto, este estudo contribui para que isso possa ser feito em futuras investigações.

Outra limitação deste estudo é o facto de a maior parte dos participantes não terem um diagnóstico objectivo quanto ao grau da sua deficiência. Apesar de ser possível perceber se os indivíduos podem ou não participar no estudo, não é possível diferenciá-los entre leves e moderados e, analisar esses dados. Assim sendo, gostaríamos de ter podido analisar a possível influência do grau de deficiência, distinguindo entre leve e moderada, mas tal não foi possível porque a maior parte dos participantes não tinham um diagnóstico preciso acerca desse parâmetro. Em futuras investigações este aspeto deve procurar ser analisado.

Em investigações futuras neste domínio, seria importante controlar estas variáveis, através de uma maior amostra de várias zonas geográficas, de modo a que se consigam resultados mais fidedignos e suscetíveis de generalização.

Finalmente, tendo em conta o tipo de população utilizada neste estudo, há que referir que existe a possibilidade de enviesamento dos resultados por uma má interpretação das questões por parte dos sujeitos. No entanto, surge também a

possibilidade de enviesamento proveniente das explicações dadas aos indivíduos aquando da aplicação da escala. Isto porque, apesar da investigadora tentar não induzir as respostas ou facilitar as respostas, por vezes foi necessário utilizar sinónimos de algumas palavras para que os sujeitos percebessem o que era questionado.

Contudo, esta é uma questão que, em investigações futuras, pode ser melhor controlada, embora quando a escala é aplicada a sujeitos com Deficiência Mental não possa ser controlada totalmente.

Apesar de todos estes parâmetros que devem ser tidos em conta em investigações futuras, e que não correram da melhor maneira neste estudo, é de salientar que o presente estudo foi pioneiro na recolha de dados junto da população com Deficiência Mental através de uma escala que avalia a criatividade.

É importante salientar que este estudo é um contributo que se insere numa investigação mais ampla que tem como objectivo a criação de uma escala importante para avaliação da personalidade criativa, visto até à data não existir em Portugal nenhum instrumento que permita avaliar esta variável. É desta forma que a ciência é construída, com pequenos contributos que são relevantes no momento em que são realizados para o domínio científico em causa, contribuindo para o todo ou para projetos mais globais. Esperamos ter conseguido, de forma humilde, mas rigorosa, fornecer esse contributo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Aguilar, L. (2000). *Acção transaccional: Um laboratório para o desenvolvimento pessoal*. Montreal: LivrExpressão Ed.
- Aguilar, L. (2006). *Técnicas de animação e integração de grupo. Guião de actividades iniciais para o desenvolvimento de competências-chave para o bom desempenho profissional e empreendedorismo*. Alte (Loulé): Edição da Escola Profissional Cândido Guerreiro.
- Alencar, E. & Fleith, D.S. (2003). Contribuições Teóricas Recentes ao Estudo da Criatividade. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 19(1), 1-8.
- Carreras, L., Eijo, P., Estany, A., Gómez, M^a. T., Guich, R., Ojeda, V., Planas, T. & Derrats M^a. G. (2002). *Cómo educar en Valores: Materiales textos – Recursos técnicas*. Madrid: Ediciones Narcea, S.A.
- Caroff, X. & Besancon, M. (2008). Variability of creativity judgments. *Learning and Individual Differences*, 18(4), 367-371.
- Cascajo, A. & Sacritán, J. (2002). Deficiencia Mental. Etiologia. Formas Clínicas. Aspectos psicopatológicos. (pp. 225-239). In: Sacristán, J. (Direc.). (2002) *Psicopatologia Infantil Básica. Teoría y casos clínicos*. Madrid: Psicología Piramide.
- Claudino, A. (1997). *A Orientação para a Formação Profissional de Jovens com Deficiência Intelectual*. Lisboa: Secretariado Nacional para a Reabilitação e Integração das Pessoas com Deficiência.
- Davidoff, L. (1983). *Introdução à Psicologia*. São Paulo: McGraw-Hill.
- Dessen, M. & Silva, N. (2001). Deficiência Mental e Família: Implicações para o Desenvolvimento da Criança. *Psicologia: Teoria e Pesquisa, Brasília*, 17(2), 133-141.
- Duarte, J., Imaginário, S. & Jesus, S. (2010). Criatividade em Estudantes Universitários. Validação Preliminar do CREA em Portugal. Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Vocacional e Social, *Psycaware e-journal*.

- Eysenck, H. J. (1995). Creativity as a product of intelligence and personality. In D. H. Saklofske & M. Zeidner (Eds.), *International handbook of personality and intelligence*, 231–247. New York: Plenum Press.
- Fierro, A. (1999). Los alumnos com retraso mental. (pp. 273-302). In: Marchesi, A., Coll, C., Palacios, J. (Coord.). *Desarrollo Psicologico y Educacion – 3. Transtornos del desarrollo y necesidades educativas especiales (Segunda Edicion)*. Madrid: Psicologia Y Educacion, Alianza Editorial.
- Fonseca, A. F. (2007). *A Psicologia da Criatividade*. 3ª Edição. Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa.
- Golden, C. J., Sawick, R. F., & Franzen, M. D. (1984). Test Construction. In: Goldstein, G. & Herson M. (Eds.). *Handbook of Psychological Assessment* (pp.19-37). New York: Pergamon Press.
- Goncalo, J. A., & Staw, B. M. (2006). Individualism-collectivism and group creativity. *Organizational Behavior and Human Decision Processes*, 100(1), 96-109.
- Jeffries, K. K. (2007). Diagnosing the creativity of designers: individual feedback within mass higher education. *Design Studies*, 28(5), 485-497.
- Jesus, S. N., Morais, F., Pocinho, M., Imaginário, S., Duarte, J., Matos, F., Garcês, S., Gil, H., & Sousa, F. (2011). *Escala da Personalidade Criativa. Estudo preliminar para a sua construção*. In A. S. Ferreira, A. Verhaeghe, D. Silva, L. S. Almeida, R. Lima & S. Fraga (Eds.), *Actas do VIII Congresso Iberoamericano de Avaliação/Evaluación Psicológica* (pp.1883-1891). Lisboa: Sociedade Portuguesa de Psicologia.
- Julius, E., Wolfson, H., Yalon-Chamovitz, S. (2003). Equally unequal: Gender discrimination in the workplace among adults with mental retardation. *IOS Press*, 20, 205-213.
- Maroco, J. (2003). *Análise Estatística com utilização do SPSS*. Lisboa: Edições Sílabo

- Martins, V., (2000). *Para uma pedagogia da criatividade. Propostas de trabalho*. Porto: Edições Asa.
- Meusburger, P., Funke, J., & Wunder, E. (2009). *Milieus of creativity: An interdisciplinary approach to spatiality of creativity*. Dordrecht: Springer.
- Moltó, M. & Canet, P. (2001). *Manual de Educación Especial*. Valencia: Editorial Promolibro.
- Morais, M. F. & Azevedo, I. (2009). Avaliação da Criatividade como um contexto delicado: Revisão de metodologias e problemáticas. *Avaliação Psicológica*, 8(1), 1-15.
- Morato, P. (1998). *Deficiência Mental e Aprendizagem*. Secretariado Nacional Para a Reabilitação e Integração das Pessoas com Deficiência, Lisboa.
- Nakano, T. C. & Wechsler, S. M. (2006). Teste Brasileiro de Criatividade Figural: Proposta de Instrumento. *Interamerican Journal of Psychology*, 40(1), 103-110
- Nunnally, J. (1994). *Psychometric Theory*. New York: McGraw Hill
- Pavitra, K. S., Chandrashekas, C. R. & Choudhury, P. (2007). Creativity and mental health : A profile of writer and musician. *Indian Journal of Psychiatry*, 49(1), 34-43.
- Pestana, E. & Páscoa, A. (2002). *Dicionário Breve de Psicologia*. 2ª Edição. Lisboa: Editora Presença.
- Pinheiro, I. (2009). Modelo Geral da Criatividade. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 25(2), 153-160.
- Pocinho, M. & Garcês (2010). *Validação da Escala de Estilos de Pensar e Criar: Estudo Preliminar*. Universidade da Madeira.
- Roazzi, A. & Souza, B. (1997). *Criatividade e Desenvolvimento*. Publicação interna do Curso de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife/PE.

- Santos, S. & Morato, P. (2002). *Comportamento Adaptativo*. Coleção Educação Especial, 8. Porto: Porto Editora.
- Shansis, F., Fleck, M., Richards, R., Kinney, D., Izquierdo, I., Mattevi, B., Maldonado, G. & Berlim, M. (2003). Desenvolvimento da versão para o português das Escalas de Criatividade ao Longo da Vida (ECLV). *Revista Psiquiátrica*, 25(2), 284-296.
- Veiga, C., (1999). *Cooperativas de Educação e Reabilitação de Crianças Inadaptadas: Uma Visão Global*. Lisboa: Secretariado Nacional Para a Reabilitação e Integração das Pessoas com Deficiência.
- Vieira, F. & Pereira, M. (Coord.). (2003). “*Se Houvera quem me ensinara...*” *A Educação de Pessoas com Deficiência Mental*. 2ª Edição. Coimbra: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Vigotski, L. S. (1995). *Fundamentos de defectologia*. Habana: Editorial Pueblo y Educación
- Wechsler, S. M. (2006). *Estilos de Pensar e Criar*. Campinas: LAMP/PUC.
- Wehmeyer, M. I. & Metzler, C. A. (1995). How Self-Determined Are People With Mental Retardation? The National Consumer Survey. *Mental Retardation*, 33(2), 111-119.

Anexo I – Escala da Personalidade Criativa

Indique o grau em que concorda ou discorda de cada uma das seguintes afirmações. Utilize a seguinte escala:

Discordo totalmente	Discordo um pouco	Não discordo nem concordo	Concordo moderadamente	Concordo totalmente
DT	D	ND/NC	C	CT
1	2	3	4	5

	DT	D	ND/NC	C	CT
1. Adoro fazer alguma coisa só para ver o que vai acontecer	1	2	3	4	5
2. Fico totalmente concentrado(a) quando descubro uma nova ideia	1	2	3	4	5
3. Sou uma pessoa curiosa	1	2	3	4	5
4. Sou mais produtivo(a) quando respeito minhas emoções	1	2	3	4	5
5. Quando quero comunicar uma ideia, utilizo comparações e analogias	1	2	3	4	5
6. Para tomar decisões, gosto de obter vários pontos de vista	1	2	3	4	5
7. Gosto de ideias novas	1	2	3	4	5
8. Sou uma pessoa questionadora e gosto de dar sugestões	1	2	3	4	5
9. Sou uma pessoa aberta a novas ideias	1	2	3	4	5
10. Não tenho medo de situações novas	1	2	3	4	5
11. Encontro motivação em tudo o que faço	1	2	3	4	5
12. Sou uma pessoa otimista	1	2	3	4	5
13. Percebo falhas no ambiente e tenho ideias para resolvê-las	1	2	3	4	5
14. Mesmo quando erro, continuo a tentar novas alternativas	1	2	3	4	5
15. Resolver problemas de maneira diferente é algo que me fascina	1	2	3	4	5
16. Tenho coragem de iniciar uma nova actividade mesmo que exista risco	1	2	3	4	5
17. Acredito que todo o problema tem solução	1	2	3	4	5
18. Gosto de projectos que me permitam ter várias ideias	1	2	3	4	5
19. Gosto de questionar as regras estabelecidas de pensar e agir	1	2	3	4	5
20. Tenho um grande entusiasmo por tudo o que faço	1	2	3	4	5
21. Sou uma pessoa espontânea	1	2	3	4	5
22. Coloco muita energia em tudo o que faço	1	2	3	4	5
23. Sou uma pessoa com sentido de humor	1	2	3	4	5
24. Tenho segurança em mim mesmo(a)	1	2	3	4	5
25. Aceito bem as críticas que me fazem	1	2	3	4	5
26. Utilizo a minha imaginação para o crescimento pessoal e profissional	1	2	3	4	5
27. Gosto de melhorar as minhas ideias até que fiquem bem claras	1	2	3	4	5
28. Mesmo falhando, gosto e acredito na importância do que faço	1	2	3	4	5
29. Consigo encontrar várias soluções para o mesmo problema	1	2	3	4	5
30. Tenho facilidade em encontrar a beleza das coisas	1	2	3	4	5

Anexo II – Quadro de Correlação Inter-Item

Quadro 1. Correlação Inter-Item

	Pergunta1	Pergunta2	Pergunta3	Pergunta4	Pergunta5	Pergunta6
Pergunta1	1,000	,376	,550	,380	,078	,088
Pergunta2	,376	1,000	,205	,509	,482	,515
Pergunta3	,550	,205	1,000	,376	,213	,364
Pergunta4	,380	,509	,376	1,000	,380	,699
Pergunta5	,078	,482	,213	,380	1,000	,248
Pergunta6	,088	,515	,364	,699	,248	1,000
Pergunta7	,401	,250	,491	,628	,377	,342
Pergunta8	-,037	,481	,300	,399	,283	,656
Pergunta9	,359	,471	,362	,498	,401	,289
Pergunta10	,616	,393	,668	,499	,350	,317
Pergunta11	,363	,493	,416	,793	,385	,782
Pergunta12	,120	,569	,116	,169	,438	,283
Pergunta13	,445	,469	,386	,719	,097	,588
Pergunta14	,594	,469	,498	,772	,331	,425
Pergunta15	,327	,363	,314	,643	,288	,660
Pergunta16	,273	,467	,285	,486	,523	,484
Pergunta17	,097	,490	,089	,596	,426	,659
Pergunta18	,348	,584	,444	,586	,324	,525
Pergunta19	-,008	,418	,105	,210	,419	,351
Pergunta20	,512	,424	,240	,448	,269	,272
Pergunta21	,298	,387	,423	,539	,346	,548
Pergunta22	,559	,337	-,024	,306	,003	,191
Pergunta23	,470	,354	,477	,407	,152	,267
Pergunta24	,506	,654	,356	,701	,426	,582
Pergunta25	-,041	,434	,352	,605	,391	,683
Pergunta26	,030	,432	,043	,557	,358	,664
Pergunta27	,021	,387	,125	,339	,423	,468
Pergunta28	,382	,514	,152	,618	,389	,318
Pergunta29	,404	,432	,401	,727	,437	,627
Pergunta30	,459	,570	,412	,657	,293	,578

Quadro 1. Correlação Inter-Item (continuação)

	Pergunta7	Pergunta8	Pergunta9	Pergunta10	Pergunta11	Pergunta12
Pergunta1	,401	-,037	,359	,616	,363	,120
Pergunta2	,250	,481	,471	,393	,493	,569
Pergunta3	,491	,300	,362	,668	,416	,116
Pergunta4	,628	,399	,498	,499	,793	,169
Pergunta5	,377	,283	,401	,350	,385	,438
Pergunta6	,342	,656	,289	,317	,782	,283
Pergunta7	1,000	,066	,327	,379	,523	-,045
Pergunta8	,066	1,000	,459	,246	,433	,568
Pergunta9	,327	,459	1,000	,332	,519	,529
Pergunta10	,379	,246	,332	1,000	,457	,183
Pergunta11	,523	,433	,519	,457	1,000	,173
Pergunta12	-,045	,568	,529	,183	,173	1,000
Pergunta13	,541	,277	,487	,362	,747	-,048
Pergunta14	,656	,256	,502	,414	,693	,066
Pergunta15	,363	,415	,480	,282	,754	,188
Pergunta16	,273	,370	,196	,541	,505	,332
Pergunta17	,202	,533	,426	,366	,659	,501
Pergunta18	,544	,367	,532	,264	,641	,138
Pergunta19	,009	,409	,146	,268	,190	,330
Pergunta20	,468	-,018	,176	,338	,461	,030
Pergunta21	,720	,175	,254	,197	,504	,027
Pergunta22	,219	-,092	,201	,232	,384	-,068
Pergunta23	,608	,093	,184	,395	,356	-,009
Pergunta24	,588	,240	,415	,404	,705	,200
Pergunta25	,472	,604	,236	,373	,551	,225
Pergunta26	,238	,441	,376	,195	,627	,289
Pergunta27	,036	,593	,310	,348	,360	,367
Pergunta28	,497	,105	,251	,341	,461	,160
Pergunta29	,505	,327	,522	,433	,745	,228
Pergunta30	,377	,312	,478	,444	,575	,265

Quadro 1. Correlação Inter-Item (continuação)

	Pergunta13	Pergunta14	Pergunta15	Pergunta16	Pergunta17	Pergunta18
Pergunta1	,445	,594	,327	,273	,097	,348
Pergunta2	,469	,469	,363	,467	,490	,584
Pergunta3	,386	,498	,314	,285	,089	,444
Pergunta4	,719	,772	,643	,486	,596	,586
Pergunta5	,097	,331	,288	,523	,426	,324
Pergunta6	,588	,425	,660	,484	,659	,525
Pergunta7	,541	,656	,363	,273	,202	,544
Pergunta8	,277	,256	,415	,370	,533	,367
Pergunta9	,487	,502	,480	,196	,426	,532
Pergunta10	,362	,414	,282	,541	,366	,264
Pergunta11	,747	,693	,754	,505	,659	,641
Pergunta12	-,048	,066	,188	,332	,501	,138
Pergunta13	1,000	,733	,697	,268	,330	,638
Pergunta14	,733	1,000	,642	,443	,363	,688
Pergunta15	,697	,642	1,000	,431	,541	,590
Pergunta16	,268	,443	,431	1,000	,675	,249
Pergunta17	,330	,363	,541	,675	1,000	,286
Pergunta18	,638	,688	,590	,249	,286	1,000
Pergunta19	,082	,170	,240	,649	,506	,142
Pergunta20	,368	,529	,423	,348	,157	,485
Pergunta21	,576	,524	,499	,368	,251	,651
Pergunta22	,491	,380	,440	,175	,182	,265
Pergunta23	,418	,441	,202	,036	-,074	,498
Pergunta24	,601	,693	,538	,601	,463	,752
Pergunta25	,418	,429	,413	,537	,533	,504
Pergunta26	,528	,418	,685	,577	,749	,368
Pergunta27	,133	,179	,241	,708	,653	,171
Pergunta28	,343	,509	,288	,533	,414	,351
Pergunta29	,614	,685	,827	,577	,589	,654
Pergunta30	,599	,532	,580	,287	,376	,704

Quadro 1. Correlação Inter-Item (continuação)

	Pergunta19	Pergunta20	Pergunta21	Pergunta22	Pergunta23	Pergunta24
Pergunta1	-,008	,512	,298	,559	,470	,506
Pergunta2	,418	,424	,387	,337	,354	,654
Pergunta3	,105	,240	,423	-,024	,477	,356
Pergunta4	,210	,448	,539	,306	,407	,701
Pergunta5	,419	,269	,346	,003	,152	,426
Pergunta6	,351	,272	,548	,191	,267	,582
Pergunta7	,009	,468	,720	,219	,608	,588
Pergunta8	,409	-,018	,175	-,092	,093	,240
Pergunta9	,146	,176	,254	,201	,184	,415
Pergunta10	,268	,338	,197	,232	,395	,404
Pergunta11	,190	,461	,504	,384	,356	,705
Pergunta12	,330	,030	,027	-,068	-,009	,200
Pergunta13	,082	,368	,576	,491	,418	,601
Pergunta14	,170	,529	,524	,380	,441	,693
Pergunta15	,240	,423	,499	,440	,202	,538
Pergunta16	,649	,348	,368	,175	,036	,601
Pergunta17	,506	,157	,251	,182	-,074	,463
Pergunta18	,142	,485	,651	,265	,498	,752
Pergunta19	1,000	-,042	,175	,047	-,282	,244
Pergunta20	-,042	1,000	,317	,634	,536	,685
Pergunta21	,175	,317	1,000	,235	,507	,682
Pergunta22	,047	,634	,235	1,000	,267	,469
Pergunta23	-,282	,536	,507	,267	1,000	,467
Pergunta24	,244	,685	,682	,469	,467	1,000
Pergunta25	,403	,221	,483	-,021	,320	,457
Pergunta26	,522	,242	,407	,350	-,004	,414
Pergunta27	,753	-,026	,178	,017	-,207	,349
Pergunta28	,235	,619	,397	,352	,416	,623
Pergunta29	,220	,483	,611	,350	,426	,690
Pergunta30	,157	,300	,629	,299	,471	,604

Quadro 1. Correlação Inter-Item (continuação)

	Pergunta25	Pergunta26	Pergunta27	Pergunta28	Pergunta29	Pergunta30
Pergunta1	-,041	,030	,021	,382	,404	,459
Pergunta2	,434	,432	,387	,514	,432	,570
Pergunta3	,352	,043	,125	,152	,401	,412
Pergunta4	,605	,557	,339	,618	,727	,657
Pergunta5	,391	,358	,423	,389	,437	,293
Pergunta6	,683	,664	,468	,318	,627	,578
Pergunta7	,472	,238	,036	,497	,505	,377
Pergunta8	,604	,441	,593	,105	,327	,312
Pergunta9	,236	,376	,310	,251	,522	,478
Pergunta10	,373	,195	,348	,341	,433	,444
Pergunta11	,551	,627	,360	,461	,745	,575
Pergunta12	,225	,289	,367	,160	,228	,265
Pergunta13	,418	,528	,133	,343	,614	,599
Pergunta14	,429	,418	,179	,509	,685	,532
Pergunta15	,413	,685	,241	,288	,827	,580
Pergunta16	,537	,577	,708	,533	,577	,287
Pergunta17	,533	,749	,653	,414	,589	,376
Pergunta18	,504	,368	,171	,351	,654	,704
Pergunta19	,403	,522	,753	,235	,220	,157
Pergunta20	,221	,242	-,026	,619	,483	,300
Pergunta21	,483	,407	,178	,397	,611	,629
Pergunta22	-,021	,350	,017	,352	,350	,299
Pergunta23	,320	-,004	-,207	,416	,426	,471
Pergunta24	,457	,414	,349	,623	,690	,604
Pergunta25	1,000	,543	,525	,331	,547	,411
Pergunta26	,543	1,000	,537	,448	,659	,417
Pergunta27	,525	,537	1,000	,302	,307	,241
Pergunta28	,331	,448	,302	1,000	,463	,351
Pergunta29	,547	,659	,307	,463	1,000	,677
Pergunta30	,411	,417	,241	,351	,677	1,000

Anexo III – Quadro de Estatística Item-total

Quadro 2. Estatística Item-total

	Média da Escala se item excluído	Variância da Escala se item excluído	Correlação Item-Total corrigida	Correlação Múltipla Quadrada	Alfa de Cronbach se item excluído
Pergunta1	106,60	398,018	,472	.	,951
Pergunta2	106,73	390,427	,693	.	,949
Pergunta3	107,04	391,907	,497	.	,951
Pergunta4	106,51	387,301	,827	.	,948
Pergunta5	106,84	394,453	,508	.	,950
Pergunta6	106,60	385,655	,730	.	,948
Pergunta7	106,33	392,045	,603	.	,949
Pergunta8	106,93	394,836	,493	.	,950
Pergunta9	106,38	399,649	,574	.	,950
Pergunta10	106,82	395,695	,570	.	,950
Pergunta11	106,58	383,840	,825	.	,947
Pergunta12	106,93	403,791	,331	.	,952
Pergunta13	106,78	391,631	,694	.	,949
Pergunta14	106,64	382,507	,757	.	,948
Pergunta15	106,80	388,891	,714	.	,948
Pergunta16	106,73	388,155	,650	.	,949
Pergunta17	106,31	392,037	,637	.	,949
Pergunta18	106,62	385,786	,724	.	,948
Pergunta19	106,60	404,836	,373	.	,951
Pergunta20	106,18	400,331	,527	.	,950
Pergunta21	106,58	384,659	,649	.	,949
Pergunta22	105,84	408,816	,372	.	,951
Pergunta23	106,13	397,527	,444	.	,951
Pergunta24	106,71	374,483	,816	.	,947
Pergunta25	107,16	389,225	,649	.	,949
Pergunta26	106,69	393,219	,638	.	,949
Pergunta27	106,51	401,392	,469	.	,950
Pergunta28	106,67	396,182	,593	.	,949
Pergunta29	106,89	386,283	,823	.	,948
Pergunta30	106,22	386,904	,706	.	,948

Anexo IV – Quadro das Estatísticas dos Itens

Quadro 3. Estatística dos Itens

	Média	Desvio-padrão	N
Pergunta1	3,69	1,062	45
Pergunta2	3,56	1,013	45
Pergunta3	3,24	1,300	45
Pergunta4	3,78	,951	45
Pergunta5	3,44	1,159	45
Pergunta6	3,69	1,125	45
Pergunta7	3,96	1,086	45
Pergunta8	3,36	1,171	45
Pergunta9	3,91	,821	45
Pergunta10	3,47	,991	45
Pergunta11	3,71	1,058	45
Pergunta12	3,36	1,069	45
Pergunta13	3,51	,968	45
Pergunta14	3,64	1,190	45
Pergunta15	3,49	1,036	45
Pergunta16	3,56	1,159	45
Pergunta17	3,98	1,033	45
Pergunta18	3,67	1,128	45
Pergunta19	3,69	,900	45
Pergunta20	4,11	,859	45
Pergunta21	3,71	1,290	45
Pergunta22	4,44	,659	45
Pergunta23	4,16	1,147	45
Pergunta24	3,58	1,357	45
Pergunta25	3,13	1,120	45
Pergunta26	3,60	,986	45
Pergunta27	3,78	,902	45
Pergunta28	3,62	,936	45
Pergunta29	3,40	,986	45
Pergunta30	4,07	1,116	45

Anexo V – Análise da influência da variável estatuto socioeconómico sobre os resultados obtidos na Escala EPC

Quadro *Ranks* do teste 2 *Independent Samples*: Mann-Whitney U

Quadro 4. *Ranks* Mann-Whitney U (Estatuto Sócio-Económico)

Escala Total	Estatuto Sócio- Económico	N	Média <i>Rank</i>	Soma dos <i>Ranks</i>
		Médio-baixo	34	22,87
	Médio-alto	11	23,41	257,50
	Total	45		

Quadro Estatística de Teste Mann-Whitney U

Quadro 5. Estatística de Teste^b (Estatuto Sócio-Económico)

	EscalaTotal
Mann-Whitney U	182,500
Wilcoxon W	777,500
Z	-,119
<i>Asymp. Sig. (2-tailed)</i>	,905
<i>Exact Sig. [2*(1-tailed Sig.)]</i>	,907 ^a

a. *Not corrected for ties.*

b. Variável agrupada: Estatuto Sócio-Económico

Anexo VI – Análise da influência da variável género sobre os resultados obtidos na Escala EPC

Quadro *Ranks* do teste 2 *Independent Samples*: Mann-Whitney U

Quadro 6. Ranks Mann-Whitney U (Género)

	Género	N	Média <i>Rank</i>	Soma dos <i>Ranks</i>
Escala Total	Masculino	21	25,83	542,50
	Feminino	24	20,52	492,50
	Total	45		

Quadro Estatística de Teste Mann-Whitney U

Quadro 7. Estatística de Teste^b (Estatuto Sócio-Económico)

	Escala Total
<i>Mann-Whitney U</i>	192,500
<i>Wilcoxon W</i>	492,500
<i>Z</i>	-1,354
<i>Asymp. Sig. (2-tailed)</i>	,176

a. Variável agrupada: Género

Anexo VII – Análise da influência da variável idade sobre os resultados obtidos na Escala EPC

Quadro Estatística de Teste Kruskal Wallis

Quadro 8. Estatística de Teste^{a,b} (Idades)

	Escala Total
<i>Chi-square</i>	27,061
<i>df</i>	21
<i>Asymp. Sig.</i>	,169

a. Teste Kruskal Wallis

b. Variável agrupada: Idade

